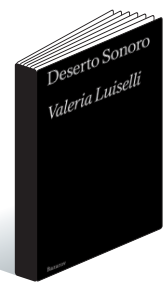
cívico" de Cardoso Pires. Mas esse olhar está também nas leituras da "biblioteca" em Saramago e da escrita do erotismo. Assim, em "A literatura e o corpo", Jorge de Sena "é o eleito para ilustrar esse modo de saber construir pelas vias da experiência erótica, uma barragem contra o modelo secular da melancolia que, grosso modo, vem caracterizando o conceito – ele próprio largamente problemático – da identidade nacional portuguesa" ("erotismo e ética").

Não cabe dar aqui conta dos 16 ensaios que compõem o livro e no-lo confirmam. Basta ler o título que TCC deu às palavras com que nos introduz o seu livro: "Um pronunciamento para o tempo presente". Nelas reafirma o que disse na jornada de homenagem a Cardoso Pires, nos 20 anos da sua morte (out. 2018), em vésperas das últimas eleições brasileiras: "Venho falar-vos hoje, com o coração de uma brasileira dilacerada pela pátria, de uma literatura de compromisso e testemunho, porque neste tempo globalizado – que dizem ser o nosso – ainda há que haver utopia e esperança." A partir deste lugar, cultural e afetivo, de um conhecimento amplo e rigoroso da teoria literária e de uma profunda, informada e sábia relação com a literatura portuguesa, Teresa Cristina Cerdeira oferece-nos mais um conjunto de estudos que louvamos e agradecemos. JL

› *Teresa Cristina Cerdeira*
FORMAS DE LER
Ed. Moinhos (Belo Horizonte), 204 pp.

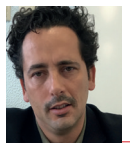
da paternidade e da maternidade, da infância e do crescimento, da fuga e do desaparecimento, do preconceito e da injustiça, nas quais o real ganha contornos ainda mais definidos através da ficção.

Narrado a duas vozes e dialogando com ensaios, romances, músicas, imagens e silêncios, *Deserto Sonoro* é um romance que, ao interpelar a vida, desafia o leitor a abandonar a indiferença e a quebrar as fronteiras que hoje cada vez mais impomos entre nós e os outros. JL



› *Valeria Luiselli*
DESERTO SONORO
Tradução de Manuel Alberto Vieira, Barazov, 352 pp, 20 euros

Manuel Fernando Gonçalves
Formas do poético



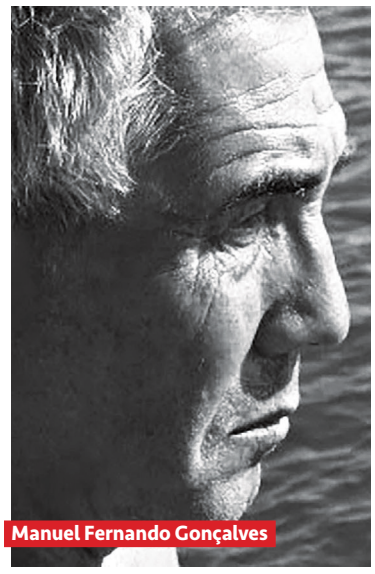
PALAVRA DE POESIA
António Carlos Cortez

A Companhia das Ilhas, editora de Carlos Alberto Machado, com sede na Ilha do Pico, tem dado à poesia portuguesa livros importantes, heterodoxos, contemplando um arco de autores que, de Valério Romão a Nuno Dempster, mostra bem o ecletismo da coleção que daquele arquipélago ao Continente, Carlos Alberto Machado, também poeta, nos faz chegar.

No ano que terminou há pouco, um livro da Companhia das Ilhas veio tornar mais forte a certeza de que a poesia portuguesa atravessa um momento rico em alguns planos em que ela é produzida. Descontando certos grupescos que insistem em fazer dela o grau zero da imaginação, é em pequenas editoras (e noutras que, dir-se-á, são 'instituídas') que muito do que à poesia se pede – ousadia, tradição, historicidade – acontece. Mas a imaginação, a produção de imagens, deve conciliar-se com uma bem oleada máquina frásica, um pleno domínio dos meios de expressão. Neste particular, Manuel Fernando Gonçalves (1951) reclama para si uma dada cadência, um rigor que, cruzando-se com as imagens, parece nascer espontaneamente e se afirma, porém, como das mais exigentes vozes deste tempo.

O livro de Manuel Fernando Gonçalves, que começa a publicar nos anos 80 e que conta hoje com 12 títulos editados (em 2008 considerei *A Realidade dos Factos*, da &etc., um dos livros mais interessantes dessa primeira década deste século) não se afasta daquilo que caracteriza a sua poética: um discurso que procura desrealizar a realidade – dos atos e dos factos – ao mesmo tempo que demanda a realidade mesma da poesia. *Alarido* é o seu livro mais recente, composto por 39 poemas. Logo no primeiro podemos relacionar essa vontade de desrealização com o "Verso louco, alarido" que, no espaço da página ("Tudo tem a ver com o espaço, / entre as coisas que nos ocupam, / a voz que ouvimos por dentro, a ecoar [...]" (p.7)) se vai edificar.

A enunciação que sobe à página não vai procurar senão o eco, "a voz natural da identidade que talvez fale", ou falhe. A essa voz que fala e falha, outra forma de nomeação vai tomando corpo. Ao olhar a realidade (a "ralidade", assim se irmando Gonçalves com um poeta da mesma família, Manuel Resende), o sujeito hiperboliza, ou melhor, vê como a realidade se agiganta, impressionando – e pressionando – quem escreve: "Impressionantes são

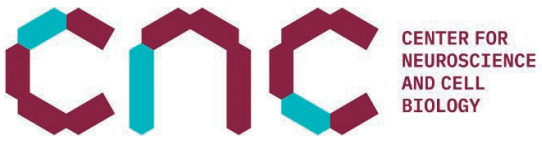


Manuel Fernando Gonçalves

os prédios altos,/ com muitos andares, que resumem as cidades / e simulam orientação clara, definitiva". Prédios que são o simulacro do espanto ou do reino dos céus, em *Alarido* o sujeito vê os cidadãos "boquiabertos", reféns do tempo, à mercê duma ameaça qualquer: provavelmente dos deuses revoltados. Em face da violência e perplexidade que o real provoca a escrita "diz / o que sente." Pensa-se a poesia como irrupção não programada, espécie de intervalo entre o que se vê e o que se compreende: o que se "crava no papel" está em desacordo com "uma emoção tão banal, a revolta justa". As "manobras de letras" - o poético – as palavras "frementes, palpitantes" não são o corpo do real, são outros corpos que, em arritmia, se desfazem como o romance, nome dado ao composto das emoções que se entresacham com a linguagem.

Poemas longos, dum ritmo extremamente pensado (oscilação entre versos decassilábicos e a quebra desses decassílabos em metro mais pequeno ou, por oposição, o prolongamento duma unidade de base – o eneassílabo ou o endecassílabo, tendentes à prosa), articulam-se com a preocupação por, à superfície, deplorar a dimensão semântica. Manuel Fernando Gonçalves não ignora as potencialidades da metáfora, mas essa figura, aqui aparentemente depreciada, serve-lhe para ironizar sobre o seu próprio discurso ("Há-de haver / quem diga mal de tanta descrição, / das palavras montadas umas / nas outras, invejosas de um terceto qualquer"). Deplorar, aparentemente, a tradição das formas fixas, vazar em "cálice de dezassete sílabas" uma estesia que sem estar convicta do seu canto, grita no meio da cidade um facto óbvio, eis o imo do volume: a cultura (e em especial a livresca) não garante a sobrevivência e o sentido para quem, como este sujeito, observa o mal. Esse mal é destilado por um mundo em queda ("Estou de pavio curto [...] / Perco os olhos e a calma, / atiro móveis e coisas / à solidão, leio o mal que nos fazem os livros/ de companhia, acendo velas de cheiro, ladro aos cães e eles não percebem" (p.57).

Entre ironia e decepção, ou melhor, entre ironia e a operação ficcional que o discurso poético pede, fala-se dum "work in progress", dessa "teia sensual do despojamento mais humilde,/ a minha solidão estupefacta" (p.47), e da escrita como aprendizagem e recoleção, concebendo-a como ofício admnistrativo (Gonçalves, um dos mais instigantes discípulos dessa linhagem que vem de Cesário e Baudelaire até poetas como Irene Lisboa ou António Reis), diz um pouco à Wallace Stevens que "escrever sobre a realidade dos factos [é trabalho] rigoroso [...] / determinante e com significado", sem desprezar o que nesse trabalho há de luxúria e fantasia. A luxúria admite-se pelo lado duma linguagem que (*helás*!) reencontra na metaforização e em certos tropos o magma do livro: "morreu um homem rico / foi passear a bailarina e a bengala para as ruas / do além, por entre acácias e verbenas, / mesmo ao lado da avenida dos incêndios" (p.50). Um livro de poesia que deve ser lido, relido, valorizado. JL



Vem por este meio o Centro de Neurociências e Biologia ao abrigo do Decreto n.º 57/2016, de 29 de agosto, alterado pela lei 57/2017, publicitar a abertura de posições para investigador doutorado (m/f).

Local de trabalho: Centro de Neurociências e Biologia Celular

A remuneração mensal a atribuir é a prevista nível 33 da tabela remuneratória única, aprovada pela Portaria n.º 1553-C/2008, 31 de dezembro, sendo de 2.134,73 Euros ilíquidos.

AS DEMAIS CONDIÇÕES CONTRATUAIS PODEM SER CONSULTADAS EM:
http://www.eracareers.pt/opportunities/index.aspx?task=global&jobId=130328
Unique identifier: 781d5a9f-668e-401f-ba13-83d00e25d1e8

http://www.eracareers.pt/opportunities/index.aspx?task=global&jobId=130398
Unique identifier: 512d832f-db8c-426f-81c7-349bae480ca3

http://www.eracareers.pt/opportunities/index.aspx?task=global&jobId=130414
Unique identifier: 26111379-8989-4902-ae87-92dd1f7871d3